

# SOCIOLOGIA

com Vivianne Catolé



CURSO  
FERNANDA PESSOA  
ONLINE

**Decolonialidade**





## DECOLONIALIDADE

A decolonialidade é uma perspectiva teórico-crítica que propõe romper com os legados coloniais ainda presentes nas formas contemporâneas de produção de conhecimento, poder e subjetividade. Diferente da descolonização (processo político-jurídico de independência), a decolonialidade foca nos padrões epistemológicos, culturais e institucionais que continuam a reproduzir desigualdades coloniais, mesmo após o fim formal do colonialismo.

A ideia de decolonialidade emerge a partir da chamada Modernidade/Colonialidade, uma matriz de pensamento formulada por intelectuais latino-americanos como Aníbal Quijano, Walter D. Mignolo, Catherine Walsh, Nelson Maldonado-Torres e outros.

### ANÍBAL QUIJANO (2000)

“A colonialidade do poder está baseada na imposição de uma classificação racial/étnica da população mundial como instrumento básico de dominação.”

(Quijano, *Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina*)



Quijano sustenta que a colonização não apenas dominou territórios, mas impôs uma lógica de classificação do mundo, baseada no racismo, no eurocentrismo e na inferiorização de saberes não ocidentais. Ele introduz o conceito de colonialidade do poder, que articula raça, trabalho, gênero e saber como dispositivos de dominação.

### A COLONIALIDADE COMO ESTRUTURA DE DOMINAÇÃO MODERNA

#### 1. Colonialidade do poder

Esse é o conceito central de Quijano. Ele propõe que o colonialismo europeu, iniciado a partir do século XV com a conquista da América, não apenas dominou militar e economicamente os povos colonizados, mas instituiu uma nova forma de poder social global baseada em dois pilares interligados:

#### a) Classificação racial da população mundial

“A ideia de ‘raça’ foi a mais eficaz invenção colonial para naturalizar as hierarquias sociais.”

(Quijano, 2000)



A colonização inventou a raça como tecnologia de dominação. Diferenciou povos com base em critérios biológicos e culturais para justificar a escravidão, a expropriação e o epistemicídio. Brancos europeus passaram a ocupar o topo da hierarquia, enquanto indígenas, africanos e outros povos não europeus foram reduzidos à condição de subalternidade.

#### b) Divisão internacional do trabalho

A colonialidade estabeleceu uma estrutura global em que as colônias forneciam matérias-primas e força de trabalho, enquanto a Europa concentrava o controle dos meios de produção, conhecimento e poder político. Essa estrutura persistiu após a independência formal dos Estados latino-americanos, reorganizada sob o capitalismo global.

### 2. Colonialidade do saber

Quijano mostra que a dominação europeia não se limitou à economia ou à política. Ela também impôs um monopólio sobre a produção do conhecimento, eurocentrando a razão e marginalizando os saberes dos povos colonizados.

“O eurocentrismo transformou as experiências europeias em critério universal de verdade e progresso.”

(Quijano, 2000)

A ciência ocidental, baseada na objetividade, racionalidade e secularismo, foi considerada superior, enquanto a oralidade, a espiritualidade e os conhecimentos locais foram deslegitimados. Isso constituiu o que ele chama de epistemicídio, ou seja, o assassinato de saberes.

### 3. Colonialidade do ser (com base em aprofundamentos de Maldonado-Torres, influenciado por Quijano)

Embora o termo tenha sido sistematizado por Nelson Maldonado-Torres, ele se fundamenta na obra de Quijano. Refere-se ao modo como o colonialismo afetou as subjetividades e a humanidade dos colonizados.

A colonialidade do ser marca aqueles que foram “desumanizados” historicamente, considerados menos humanos, e ainda hoje tratados como descartáveis, especialmente em contextos de racismo estrutural, violência policial, encarceramento em massa e exclusão social.

### 4. Modernidade/Colonialidade: duas faces da mesma moeda

Quijano também nos alerta para um ponto crucial: não há modernidade sem colonialidade.

“A modernidade ocidental não pode ser separada da violência colonial que a constituiu.”

(Quijano, 1992)

Enquanto a Europa se modernizava, cientificamente e economicamente, explorava e destruiu culturas inteiras fora de seu território. O “progresso” foi financiado pela escravidão, pelo saque de recursos e pela dominação epistêmica.

Assim, Quijano propõe que é impossível pensar emancipação nos termos da modernidade europeia. A libertação dos povos do Sul exige descolonizar o poder, o saber e o ser.

## CARACTERÍSTICAS DO PENSAMENTO DESCOLONIAL

### Crítica ao eurocentrismo

O pensamento decolonial denuncia o monopólio do conhecimento ocidental como “universal”, desqualificando epistemologias indígenas, africanas, ameríndias, etc.



### Pluralidade epistêmica (pluriverso)

Rejeita a ideia de uma única verdade universal e defende um mundo onde muitos mundos possam coexistir.

### Interseccionalidade radical

Articula raça, gênero, classe e território como dimensões interligadas da dominação colonial ainda operante.

### Revalorização dos saberes ancestrais e populares

Promove o reconhecimento de práticas e cosmovisões marginalizadas, como as cosmologias indígenas e afro-diaspóricas.

### Descolonização do corpo e da subjetividade

Denuncia como o colonialismo penetrou na formação da identidade, nos afetos e nos modos de vida.

## FRANTZ FANON

“Não se trata de inserir o negro na sociedade branca, mas de destruir essa sociedade e reinventar outra.”

(Pele negra, máscaras brancas)

Frantz Fanon (1925–1961), psiquiatra e intelectual martinicano, foi um dos precursores mais influentes do pensamento decolonial, mesmo antes do termo se consolidar academicamente. Suas obras, especialmente “Pele negra, máscaras brancas” (1952) e “Os condenados da Terra” (1961), antecipam muitos dos temas centrais discutidos pela corrente decolonial latino-americana nas décadas seguintes.



### 1. Colonialismo como violência total: material e simbólica

“O colonialismo não é uma máquina pensante. É violência em estado puro.”

(Fanon, Os condenados da Terra, 1961)

Fanon concebe o colonialismo não apenas como dominação territorial ou econômica, mas como um sistema de opressão total: ele invade a subjetividade, a cultura e o imaginário dos colonizados. O colonizador impõe sua língua, sua cultura e sua ideia de humanidade, produzindo um sujeito colonizado alienado, ensinado a se odiar e a aspirar ao lugar do opressor.

### 2. Desumanização e colonialidade do ser

Fanon denuncia que o colonialismo não apenas explora, mas nega a humanidade do colonizado. Isso dialoga diretamente com o conceito de “colonialidade do ser”, desenvolvido por Nelson Maldonado-Torres com base em Quijano.

“No mundo colonial, o colonizado é uma sombra do homem, um sub-humano.”

(Fanon, Os condenados da Terra)

A colonialidade do ser, para Fanon, significa viver em um corpo marcado pela inferiorização, racializado como perigoso, feio, irracional ou animalizado — uma marca que persiste nas estruturas de racismo e exclusão após a independência formal dos países colonizados.

### 3. Descolonizar o corpo e a mente (epistemologia do Sul)

“O problema do colonizado é recuperar sua identidade e deixar de ser objeto da história dos outros.”

(Fanon, Pele negra, máscaras brancas)

Para Fanon, a libertação exige descolonizar também a mente, os afetos e os saberes. Isso se conecta à proposta de descolonização epistemológica, tão presente na obra de Quijano, Mignolo e Walsh. Fanon aponta que o colonizado internaliza o olhar do opressor, assumindo as “máscaras brancas” da cultura dominante, e que romper com isso é fundamental para reconstruir sua subjetividade.

Descolonizar o poder exige romper com a branquitude institucional

“A branquitude constrói um pacto não-dito de proteção mútua, para garantir o monopólio do poder e d o prestígio.”

(Cida Bento, *O pacto da branquitude*, 2022)

Nesse sentido, o “pacto da branquitude” é uma forma brasileira e atualizada da colonialidade do poder, que se manifesta nas relações institucionais, nas estruturas empresariais, nos sistemas de justiça e na elite econômica e intelectual. É o racismo estrutural como continuidade histórica do colonialismo. Cida Bento mostra como **a invisibilidade dos privilégios brancos é um dos maiores obstáculos à superação do racismo**. Enquanto o discurso meritocrático e a neutralidade institucional são propagados, os brancos continuam a dominar posições-chave no mercado, na academia e na política.

“Não há transformação real sem o enfrentamento do privilégio branco, sustentado por um sistema de exclusões.”

(Cida Bento)

Essa denúncia ecoa a proposta de descolonização do poder dos pensadores decoloniais: não basta incluir minorias; é preciso reconstruir radicalmente as estruturas que produzem desigualdade.

Colonialidade do ser e a violência simbólica - Fanon argumenta que o colonialismo penetra na subjetividade, fazendo com que o colonizado internalize a inferioridade e deseje o lugar do branco. Cida Bento demonstra como essa lógica ainda opera no Brasil.

“A branquitude está no centro dos padrões estéticos, das narrativas históricas e da estrutura psíquica da sociedade.”

(Cida Bento)

Essa perspectiva está intimamente ligada à **colonialidade do ser**, conceito formulado por Maldonado-Torres, que trata da desumanização dos corpos racializados e da imposição de modelos de subjetividade eurocentrados.

Outro ponto essencial é a crítica à **colonialidade do saber**, que se manifesta na exclusão de intelectuais negros, indígenas e populares do espaço acadêmico e do campo das ideias consideradas legítimas. A obra de Cida Bento, assim como a de Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro e Grada Kilomba, representa uma resistência epistemológica.

“Precisamos de narrativas que rompam com o epistemicídio.”

(Cida Bento)

Se o pensamento decolonial exige a ruptura com os pilares da modernidade colonial (racismo, eurocentrismo, capitalismo predatório), a branquitude aparece como uma barreira ativa a essa transformação.

“A branquitude é resistente à mudança porque teme perder os privilégios historicamente construídos.”

(Cida Bento)



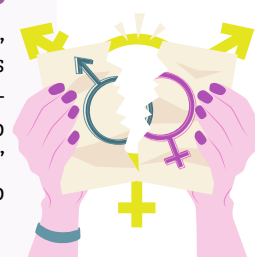
Romper com esse sistema exige mais do que boa vontade individual: requer o enfrentamento político e coletivo do racismo estrutural. Isso inclui o fortalecimento de políticas públicas afirmativas, a ampliação de espaços de escuta e protagonismo negro, e a responsabilização ativa das estruturas que perpetuam desigualdades. Como afirma Sueli Carneiro, a luta antirracista não é apenas dos negros, mas de toda a sociedade que deseja justiça e democracia real.

## A COLONIALIDADE DE GÊNERO - MARÍA LUGONES

A colonialidade de gênero é um conceito criado por María Lugones, pensadora feminista argentina radicada nos EUA, que propõe uma crítica ao feminismo ocidental tradicional e aos estudos coloniais que ignoram como a ideia de “gênero” foi imposta às populações indígenas, negras e colonizadas de forma violenta, racializada e hierárquica.

### 1. Crítica ao binarismo de gênero ocidental

Lugones parte da crítica de que, antes da colonização, muitos povos indígenas e africanos não organizavam suas sociedades com base no binarismo rígido “homem/mulher” nem em hierarquias de gênero como as do patriarcado europeu cristão.



“O sistema de gênero ocidental é uma construção colonial.”

María Lugones

Ao serem colonizados, essas populações foram forçadas a aceitar uma nova lógica:

- \* Homem = razão, poder, público.
- \* Mulher = emoção, submissão, privado.

Essa divisão não existia em muitas culturas originárias.

### 2. Gênero e raça foram impostos juntos

Lugones amplia o conceito de colonialidade do poder de Aníbal Quijano (que mostra como a colonização instituiu uma hierarquia mundial racializada), mostrando que:

O gênero também foi racializado.

Mulheres negras e indígenas não foram reconhecidas como “mulheres” dentro da lógica ocidental, mas sim como corpos a serem dominados, violentados e explorados.

Exemplo: Durante a escravidão, as mulheres negras eram tratadas como “reprodutoras de propriedade”, sem direito a maternidade, honra ou dignidade — diferente do ideal burguês da “mulher branca”, protegido e valorizado.

### 3. Crítica ao feminismo hegemônico

Para Lugones, o feminismo branco, liberal e europeu não serve para todas as mulheres. Ele:

Universaliza a experiência da mulher branca ocidental.

Ignora as experiências específicas das mulheres racializadas, colonizadas, indígenas, trans ou pobres.

“Não existe uma só forma de ser mulher. A opressão de gênero é diferente quando atravessada pela raça, pela classe e pela colonização.” — Parafraseando Lugones



### Por que esse conceito é importante hoje?

A colonialidade de gênero nos ajuda a entender que:

- \* A opressão de gênero não é igual para todas;
- \* A luta feminista precisa ser interseccional e decolonial, levando em conta raça, classe, sexualidade, história e cultura;
- \* Precisamos desaprender a lógica colonial para valorizar outras formas de existência, afeto, parentesco e identidade.

### O QUE É A DESCOLONIALIDADE?

A decolonialidade é considerado como caminho para resistir e desconstruir padrões, conceitos e perspectivas impostos aos povos subalternizados durante todos esses anos, sendo também uma crítica direta à modernidade e ao capitalismo.

“

Mais uma vez, a meta das opções descoloniais não é dominar, mas esclarecer, ao pensar e agir, que os futuros globais não poderão mais ser pensados como um futuro global em que uma única opção é disponível, quando apenas uma opção é disponível, “opção” perde inteiramente o sentido.”

Quinjano

Uma prática envolve uma abordagem crítica em relação às hierarquias e desigualdades sociais, culturais e econômicas que foram estabelecidas durante o processo de colonização, e busca promover a igualdade de oportunidades e direitos para todos.



#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Escaneie o Qrcode ao lado para ter acesso as referências bibliográficas



#### ANOTAÇÕES

*Estamos juntos nessa!*



C U R S O  
**FERNANDA PESSOA**  
ONLINE

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.